O ÍNDICE AFETIVO DE ARTHUR LESS

ARTHUR LESS' AFFECTIVE INDEX

Ruan Nunes[1]
[https://orcid.org/0000-0002-5109-5199]
DOI: 10.30612/raido.v15i37.13974

RESUMO: O presente trabalho-índice oferece uma desleitura do romance *As Desventuras de Arthur Less* de Arthur Sean Greer ao propor uma investigação sobre branquitude, cisgeneridade e heteronormatividade baseada em teorizações sobre os afetos. Ao focar em afetos como felicidade, conforto e desorientação, o índice destaca as relações entre o protagonista do romance, Arthur Less, e o mundo que o cerca, propiciando uma discussão das formas pelas quais ele é orientado para uma "vida boa" na qual valores brancos, cisgêneros e heteronormativos o impedem de pensar a sociedade na qual vive. Conclui-se que a elaboração de um índice afetivo do romance possibilita um questionamento da estrutura que Arthur Less ignora, em especial, elementos que não só visibilizam, mas questionam a branquitude e a cisgeneridade.

Palavras-chave: Teoria dos afetos; As Desventuras de Arthur Less; Branquitude; Cisgeneridade; Heteronormatividade.

ABSTRACT: This index-paper offers a misreading of Arthur Sean Greer's novel *Less* by proposing an investigation of whiteness, cisgenderness and heteronormativity based on affect theory. By focusing on affects such as happiness, comfort and disorientation, the index highlights the connections between the protagonist of the novel, Arthur Less, and the world surrounding him, making room for the discussion of the ways in which he is orientated towards a "good life" in which white, cisgender and heteronormative values prevent him from thinking about the society in which he lives. It is concluded that the development of an affective index of the novel makes it possible to question the structure which Arthur Less ignores, with special attention to elements which not only make whiteness and cisgenderness visible, but also question them.

Keywords: Affect theory; Less; Whiteness; Cisgenderness; Heteronormativity.

Í DE ÍNDICE OU DE INTRODUÇÃO

Sarah E. Truman (2019) descreve como um *déjà-vu* branco a sua sensação de que, mesmo ensinando na Austrália, país com complexas relações com sua história (pós-) colonial, as obras literárias utilizadas na escola para discutir questões raciais eram marcadamente brancas e canônicas. Truman explica que não compreendia como um país com um histórico de questões raciais como a Austrália utilizava um romance como

1 Doutor em Estudos de Literatura (UFF). Professor Adjunto de Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa da Universidade Estadual do Piauí, campus Parnaíba. E-mail: ruan@phb.uespi.br

CC BY NC SA

To Kill A Mockingbird[2] para falar sobre racismo. A pesquisadora destaca que seu interesse não é desmerecer a qualidade literária do romance escolhido, porém que sua preocupação é a insistência em utilizar narrativas brancas nas quais sujeitos negros não possuem agência sobre si quando poder-se-ia, por exemplo, falar sobre racismo usando obras produzidas no próprio país.

Para Truman, há uma lacuna na consideração de obras para falar sobre racismo, afinal, ainda utilizam o romance supracitado para tratar de um tema caro às sociedades contemporâneas. Assim, Truman conclui que sua sensação de *déjà-vu* branco é um efeito da branquitude operando sem questionamentos. Esse é o paradoxo que a própria autora detalha: "A branquitude é geral e específica, global e local, óbvia e escondida." (TRUMAN, 2019, p. 53, minha tradução) [3] Como falar sobre racismo sem focar em sujeitos negros? Como falar sobre processos raciais sem citar os grupos que já são tão racializados nas mídias e nas artes? Como falar sobre racismo sem destacar sujeitos já tão outremizados (BONNICI, 2007) em processos de exclusão?

Concordo com Truman sobre o *déjà-vu* branco, mas discordo de sua decisão sobre discutir racismo apenas a partir de obras de sujeitos negros ou indígenas. Escolher apenas obras de sujeitos minoritários como espaços de discussão de determinados temas pode, infelizmente, repetir o padrão de produção de exclusão: a criação *tokenista* de que apenas pessoas negras poderiam falar sobre o racismo, por exemplo. Surge daí uma indagação sobre como falar sobre o racismo sem necessariamente destacar os processos de exclusão que parecem assombrar as narrativas de grupos minoritários. Seria possível falar sobre racismo e racializar *aquele que não é nomeado*? Em outras palavras, como discutir o racismo que é "um problema branco" que "revela as ansiedades, hipocrisias e dois pesos da branquitude" (EDDO-LODGE, 2019, p. 182) sem colocar um peso nos ombros de populações já precarizadas?

Buscando me aproximar dessas questões no âmbito da literatura, proponho uma *desleitura* do romance *As Desventuras de Arthur Less* de Arthur Sean Greer. Em lugar de fechar o debate com definições, essa desleitura, nutrida de um viés pós-estruturalista, busca ler o romance à luz da branquitude, da cisgeneridade e da heteronormatividade, discutindo como esse elementos estão profundamente ligados aos campo afetivo. Parto de posições que consideram os afetos como possibilidades críticas investigativas para sublinhar de que formas, por exemplo, a felicidade, a desorientação e o conforto estão socialmente ligados ao mundo da branquitude que não só *não* se racializa, mas também *não* se questiona como o centro discursivo de produção de sentidos. Cabe aqui apontar também que a própria ideia de uma desleitura é problemática por possuir distintas definições nos campos literários. Parto aqui de duas possibilidades frutíferas de interpretação: Harold Bloom (2003) e Juliana Cristina Salvadori (2017).

---

2 Doutor em Estudos de Literatura (UFF). Professor Adjunto de Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa da Universidade Estadual do Piauí, campus Parnaíba. E-mail: ruan@phb.uespi.br.
Traduzido no Brasil como *O Sol é Para Todos*, o romance é um dos mais populares nos contextos de Língua Inglesa, sendo inclusive parte de currículos escolares. Embora seja uma narrativa sobre injustiças sociais como estupro e racismo, o romance possui uma voz narradora branca que discute a vida no sul estadunidense a partir da prisão de Tom Robinson, um homem negro acusado de ter violentado sexualmente uma mulher branca.

3 "This whiteness is general and specific, global and local, obvious and hidden."

Conhecido não só pela produção crítica, mas também por declarações controversas como a "escola do ressentimento", Harold Bloom (2003) utiliza o termo desleitura para pensar um alinhamento de influências entre poetas em *Um Mapa de Desleituras*. Já Juliana Cristina Salvadori, professora da UNEB, se apropria do termo para desenvolver uma ação crítica na qual a desleitura, desligada de sua preocupação apenas com a poesia, surge:

> [...] como estratégia de resistência cultural, antídoto contra a angústia da influência, interpretada em uma chave pós-colonial: a desleitura põe em xeque a questão de uma estética do novo, do original e nos permite repensar nossas experiências coloniais compartilhadas – mesmo que pontualmente diferentes – e lidar com a consequente angústia, como bem coloca Bloom (1991), de estar "atrasados" – temporal e espacialmente excêntricos. (SALVADORI, 2017, p. 1795)

Dessa forma, a desleitura não é apenas uma leitura interpretativa a partir da qual se desenvolve uma nova estética preocupada com as questões atuais. A desleitura é em si uma tentativa de compreender, a partir de distintas interações, as "experiências coloniais compartilhadas" na qual leituras contraditórias habitam o texto ao mesmo tempo que essa tentativa recusa uma chave interpretativa única e isolada. A desleitura aqui proposta é, sem dúvidas, uma interpretação literária, porém uma que recusa o fechamento textual ora a partir de uma hermêutica de resgate, ora de uma hermenêutica da suspeita. Propõe-se questionar mais do que oferecer respostas, o que se torna produtivo dado o campo pouco espaço que estudos sobre a branquitude. (DEVULSKY, 2021)

Ao pensar o protagonista de *As Desventuras de Arthur Less*, proponho ainda desformatar um pouco a estrutura séria e acadêmica de artigos. Faço aqui um pequeno índice afetivo – incompleto, experimental e sem ordem alfabética – no qual algumas letras, afetos e elementos teóricos se fundem para possibilitar discussões que recusam fechamentos ou finitudes. Dessa forma, pretendo desafiar o olhar objetivo que se pretende em investigações acadêmicas ao traçar uma leitura que não está necessariamente organizada como um documento científico tradicional. Parto do princípio que Arthur Less, o protagonista, está tanto no livro quanto nas realidades: é um personagem com o qual nos confrontamos constantemente, sendo necessário interpelá-lo pelo primeiro nome como estratégia de aproximação. Dessa forma, Arthur Less se torna apenas Arthur, um sujeito do qual nos aproximamos como leitores e como sujeitos orientados em um mundo brancocêntrico.

Inicio agora o pequeno trabalho-índice.

1. A DE AFETO

Buscar uma definição simples ou mesmo definitiva para afeto tem se tornado cada vez mais difícil. Brian L. Ott (2017, p. 1) aponta que "afeto é um conceito complexo e frequentemente controverso." Ann Pellegrini e Jasbir Puar (2009) sublinham as aparentes contradições nos usos de afeto, sentimento e emoção. Teresa Brennan (2004) diferencia afeto de sentimento a partir da compreensão de que o segundo é uma sensação que possui uma expressão em palavras em sua interpretação enquanto o primeiro seria uma mudança fisiológica que acompanha um julgamento. Sianne Ngai

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 210 – 230 | jan/abr 2021

(2005) sinaliza que a diferença entre afeto e emoção tem suas raízes nas práticas da psicanálise na elaboração de representações do sentimento em primeira ou segunda pessoa. À essa lista ainda podemos sinalizar as contribuições de nomes canônicos já publicados no Brasil como Gilles Deleuze, Felix Guattari, Henri Bergson, Lawrence Grossberg, Brian Massumi, e aqueles que carecem ainda de espaços editoriais como Sara Ahmed, Eve Kosofsky Sedgwick, Ann Cvetkovich e Lauren Berlant, além dos citados anteriormente.

O que o parágrafo anterior não consegue resumidamente dizer é que as definições de afeto são múltiplas, complexas e até mesmo contraditórias. Dessa forma, ciente que este trabalho não poderá dar conta de todas as teorizações, sublinho algumas tendências resumidas por Brian L. Ott (2017) sobre o que estamos falando quando falamos sobre afeto.

Em "Affect in Critical Studies", Ott (2017) aponta que existem três perspectivas dominantes no campo dos estudos afetivos. A primeira seria uma guiada pelas discussões teóricas do psicólogo estadunidense Silvan Tomkins nas quais afetos são compreendidos como estados elementares com base na psicologia e na neurociência. Nessa linha Teresa Brennan (2004) se encaixa por pensar os afetos como elementos que podem ser transmitidos. Já a segunda perspectiva pensa os afetos a partir de perspectivas psicanalíticas em diálogo com as ciências humanas. Aqui os afetos são forças que podem ser aumentadas ou diminuídas, dependendo de como os corpos se encontram nos ambientes. É nessa linha que Deleuze e Guattari propõem que os afetos (ou afecções, terminologias ainda complexas em algumas traduções no Brasil) desafiam a virada linguística, tornando-se, portanto, experiências extralinguísticas que desafiam representações. Contudo, tal compreensão dos afetos como extensões filosóficas têm gerado debates acerca de como eles poderiam ser políticos ou encorajar mudanças políticas pelo excesso de pensamento abstrato. Aqui, segundo Ott, é que a terceira perspectiva parece se delinear como uma prática crítica que Jenny Edbauer Rice (2008) chamou de "estudos críticos do afeto" – *critical affect studies*.

A terceira perspectiva se encontra "sentada no muro". Ela não recusa assumir um lado; pelo contrário, em um movimento antropofágico, ela lê criticamente os ganhos e os desafios que cada perspectiva anterior possui para desenvolver uma leitura crítica de como os afetos podem ser mobilizados como ação política na contemporaneidade. Nessa linha estão, segundo Ott, Sara Ahmed e Gernot Böhme. Atuar nessa perspectiva dos estudos críticos do afeto é, portanto, situar uma compreensão crítica de como pensar como os afetos não são tão autônomos assim – como Clare Hemmings (2005) expressa em sua dúvida sobre a "liberdade" dos afetos circularem aleatoriamente.

Hemmings escreve em "Invoking Affect" sobre sua reticência em aceitar que os afetos circulam livremente de corpo em corpo. Em outras palavras, Hemmings duvida da proposta de reinvenção da roda que teóricos que trabalham com afeto propõem, sublinhando sua discordância, em especial, de Brian Massumi e Eve Sedgwick. Para ela, propor que os afetos são livres e que podem aderir aos mais variados corpos (pessoas, coisas, objetos, ideias, sensações etc) é sugerir, inocentemente ou não, que os afetos se "apegam" às coisas de maneira randômica – o que Hemmings lê como uma falha teórica, afinal, em apropriação livre de Orwell, alguns corpos são mais corpos que outros. Em outras palavras, afetos não estão dissociados de sentidos sociais porque eles existem justamente nas/pelas relações sociais. Alguns corpos são mais definidos e associados

por alguns afetos justamente porque existem em espaços sociais nos quais tais afetos os determinam. Penso aqui, por exemplo, na clássica associação da raiva com mulheres negras (*the angry black woman*).

Nota-se, portanto, que definir o que seria afeto se apresenta como um desafio teórico, afinal, há pelo menos três perspectivas operando – uma na qual a ideia de estados elementares são fixas demais, uma segunda na qual as definições são teóricas e abstratas em excesso, impedindo mobilizações, e a terceira na qual busca-se um terreno em comum para operar criticamente. Alio-me aqui à terceira perspectiva justamente por compreender que teorizar sobre o afeto sem pensar questões políticas e sociais não poderia (me) mobilizar para ações. Contudo, supor que as contribuições das duas primeiras perspectivas não são válidas ou mesmo incompletas seria abrir mão da riqueza teórica das proposições. Como Pellegrini e Puar (2009) afirmam, é a provocação de todas essas abordagens críticas que possibilita uma expansão do campo e mesmo uma mobilização para fins políticos – seja lá se usamos o termo afeto, emoção ou sentimento. Justamente por reconhecer as interseções entre as perspectivas, usarei o termo afeto como um guarda-chuva para abarcar o que alguns teóricos diferenciam como emoção ou sentimentos.

Desse modo, falar sobre afetos nesta desleitura é também se desfazer de posições teóricas sólidas que pensam o afeto de formas abstratas ou fixas demais. Afeto é não só aquilo que sentimos com palavras definidas, sentimentos para os quais verbalizamos frases que os explicam, mas também para as forças que nos mobilizam, positiva e negativamente, que nem sempre conseguimos transmitir verbalmente. O que pensar sobre o afeto desafia aqui é uma compreensão da razão como elemento-chave universal, uma vez que, a partir de interações entre discussões feministas e LGBTQ+, qualquer noção do humanismo como nossa sólida formação é questionada e tem suas inconsistências descortinadas. Desafia-se, como pensam Carolyn Pedwell e Anne Whitehead (2012), o hábito da observação objetiva como modo de existência e coloca-se em destaque o emocional e o subjetivo como possíveis respostas.

O modo como conhecemos, experienciamos e vivemos o mundo é profundamente afetivo. O que aprendemos a amar e a odiar, a apreciar e a evitar são resultados de nossas experiências afetivas, logo, não é possível pensar aqui que as formações sociais e suas instituições não sejam também atreladas ao mundo afetivo. Deve-se pensar como esses espaços institucionais produzem, repetem e normalizam alguns afetos como certos ou errados, como possíveis ou impossíveis, como afetos que devemos sentir ou que devemos evitar. Engajar-se com essa produção afetiva é reconhecer quais objetos (pessoas, corpos, coisas, ideias etc) estão afetivamente saturados e compõem nossas realidades. Ao desnaturalizar esses afetos, estar-se-ia desnaturalizando também o que compõe aquela realidade produzida. Não é a tarefa das teorias críticas desnaturalizar ou desnormativizar essas realidades como materialmente produzidas por sistemas?

Antes de continuar com esse artigo-índice, é necessário deixar uma pergunta-norteadora: se afetos são partes integrais de nossas vidas, como é que esses mesmos afetos nos produzem e produzem o que sentimos? Será que esses afetos – bons ou ruins, bonitos ou feios, positivos ou negativos – podem se tornar espaços de produção de novos sentidos? Como que a desleitura de Arthur Less pode aqui sugerir que os afetos são "cúmplices" da branquitude que não se racializa?

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 210 – 230 | jan/abr 2021

2. B DE BOA VIDA OU B DE BRANQUITUDE

Quem não quer viver uma boa vida? Quem não está sempre "lutando" por dias melhores? Será que as nossas escolhas sobre o que chamamos de "uma boa vida" não são também produções afetivas que mascaram e normalizam opressões? Seria possível sugerir que essa noção de "uma boa vida" está afetivamente ligada à branquitude?

Lauren Berlant (2011) ajuda a pensar essa questão ao cunhar o curioso conceito de *otimismo cruel*. Para a crítica, uma relação de otimismo cruel, *cruel optimism* no original, "existe quando algo que você deseja é, na realidade, um obstáculo para o seu desabrochar." (BERLANT, 2011, p. 1, minha tradução)[4] Em outras palavras, o que desejamos – as promessas de uma vida boa, a fantasia de ter uma vida de qualidade, um projeto político etc – se torna justamente aquilo que nos impede de alcançarmos o que desejamos. Berlant destaca que não são esses desejos que são negativos ou cruéis *per se*, mas sim as relações que eles estabelecem com nossas condições.

Pensar que nossos desejos são os próprios empecilhos no caminho parece ser um paradoxo, afinal, se eu desejo uma vida melhor é porque eu estaria, teoricamente, agindo para que essa promessa de vida se torne concreta. Contudo, essa promessa ou esse conjunto de promessas de "uma vida boa" é uma forma afetiva de desreconhecimento [*misrecognize*] que Berlant define como uma forma de atribuir sentidos afetivos a determinadas coisas por reconhecer que elas são os objetos que desejamos. Na realidade, Berlant ressalta, é justamente esse desreconhecimento que faz sujeitos cada vez mais se alinharem aos ideias neoliberais de exploração de si. Aí reside o otimismo cruel: como conseguir uma vida boa se estou constantemente me distanciando dela porque deixo para *depois* as perguntas sobre a crueldade do *agora*?

Ao sugerir que o otimismo cruel é uma ferramenta analítica que nos ajuda a pensar as formas afetivas pelas quais nos "apegamos" ao que chamamos de "uma boa vida" (BERLANT, 2011), podemos então destrinchar o que se espera dessas promessas de "uma vida boa": saúde, dinheiro, amor, paz? Cada item selecionado – e todos os outros não selecionados – estão imbuídos de promessas afetivas de que seremos felizes, mas na desleitura que faço de *As Desventuras de Arthur Less* localizo alguns: sucesso inigualável (porque Arthur Less não se sente bem-sucedido), amor eterno (porque Arthur Less não se sente amado), juventude permanente (porque Arthur Less se sente velho). Sucesso, amor e juventude são as expressões que fariam a vida de Arthur Less melhor, porém, para usar uma expressão popular, "algo de errado não está certo": Arthur possui tudo o que deseja, mas não consegue enxergar. Então, indaga-se na posição de leitor: o que o impede de ser fez – bem-sucedido, amado e jovem? Em uma leitura otimista-cruel, o que impede que Arthur se compreenda feliz é justamente o que ele é: um homem branco cisgênero de classe média. Em outras palavras, o privilégio de "uma vida boa" que ele recusa a enxergar e que busco problematizar aqui como sintomática da invisibilidade de discussões de branquitude, cisgeneridade e heteronormatividade.

Descrito como uma comédia ou uma sátira por diversos meios de comunicação, *As Desventuras de Arthur Less* recebeu o prêmio Pulitzer de ficção em 2018, consolidando a sua popularidade no meio literário. O romance apresenta a vida de Arthur

4 "A relation of cruel optimism exists when something you desire is actually an obstacle to your flourishing."

Less, um escritor não muito famoso que está prestes a fazer 50 anos e decide viajar pelo mundo para não ter que participar do casamento de um ex. Embora tenha um final feliz, *As Desventuras de Arthur Less* é um curioso romance no qual determinadas características do protagonista fomentam a desleitura que proponho.

Arthur avalia a sua vida como um grande fracasso, especialmente porque não se compreende como uma pessoa amada por outras. Até então Arthur tivera dois relacionamentos longos – um com o famoso e premiado poeta Robert Brownburn e outro com Freddy Pelu, o primeiro bem mais velho que Arthur e o segundo bem mais novo. Ao receber o convite para o casamento de Freddy com outro homem, Arthur decide viajar porque não desejar estar presente nessa cerimônia. Curioso pensar que ele precisa se fazer presente pela ausência, já que Freddy decidira convidá-lo mesmo após o término. O que segue em *As Desventuras de Arthur Less* é uma viagem na qual Arthur visita outros países para fugir do casamento do ex e "comemorar" o fracasso de ter 50 anos e nenhuma grande realização na vida. Sua primeira parada na viagem é o México para participar de um evento sobre os trabalhos do grupo artístico do qual seu primeiro companheiro, Robert, participara. Do México ele viaja para a Itália para receber um prêmio pela tradução de um de seus livros. Após o prêmio, Arthur atua como professor convidado em uma universidade na Alemanha e, por problemas de superlotação no avião, ele aceita uma parada estratégica em Paris antes de seguir para Marrocos. Mais tarde, após Marrocos, Arthur reserva (erroneamente) um período em um retiro na Índia. Encerrando a sua jornada antes de retornar para São Francisco, Arthur desembarca no Japão para fazer um trabalho de crítica gastronômica para uma revista.

Percebe-se, observando o itinerário de Arthur, que ele não é tão fracassado como ele pretende ser. Suas viagens são recheadas de pequenos acontecimentos e reviravoltas, incluindo pequenos *affairs* com outros homens – indo de um simples beijo em uma cobertura em Paris até uma relação mais constante com Bastian durante o período na Alemanha. Além disso, Arthur recebe um prêmio pela tradução de seu terceiro livro, mesmo quando ele pensa que a tradutora fez um trabalho melhor ao "reescrever" a obra na tradução. Apesar de ter seu próximo livro recusado pela editora, Arthur ainda consegue ocupar determinados espaços que, embora ele considere menores, são espaços nos quais ser branco é a norma. Ao observar os outros finalistas do prêmio na Itália, por exemplo, Arthur marca a branquitude que o rodeia. Ao ser confrontado sobre seu próximo livro que narra a vida de "um homem gay de meia-idade caminhado por São Francisco [e] as tristezas dele." (GREER, 2019, p. 165), Arthur ouve uma desconhecida em Marrocos dizer-lhe que "é um pouco difícil sentir pena de um cara assim." (GREER, 2019, p. 165). Ao ouvir que seu alemão é péssimo, Arthur se defende usando termos incompatíveis para a conversa que levam Bastian, seu amante alemão, a dizer que Arthur "fala como uma criança. Você parece e age como uma pessoa muito nova. [...] Talvez você nunca tenha crescido." (GREER, 2019, p. 111)

O que as cenas anteriores e as que virão a seguir indicam é a mais completa ausência de percepção da realidade que forma Arthur e essa ausência não é apenas um pequeno acidente que torna o romance agradável. Pelo contrário, sugiro que é justamente essa ausência que torna o romance admirável: ao focar na mediocridade de um escritor que se acredita talvez injustiçado pela vida e pela sociedade, a branquitude se torna passível de análise.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 210 – 230 | jan/abr 2021

Recuso aqui tratar a branquitude como um sistema oposicional (brancos e negros como categorias fixas) porque *As Desventuras de Arthur Less* é um romance que desloca geograficamente, mesmo que ficcionalmente, a branquitude estadunidense de Arthur, em especial ao posicioná-lo em espaços como Índia e Japão, comumente alocados como Ásia sem nenhuma consideração geopolítica sobre as diferenças. Dessa forma, a branquitude que leio na obra é relacional porque ela assume diferentes formas em distintos momentos do romance, mas sempre operando para que Arthur se compreenda como um sujeito cuja vida é difícil, impedindo-o de conseguir pensar outras formas de se orientar.

Orientar-se como sujeito branco é, como sugere Sara Ahmed (2007), uma forma de reconhecer apenas as suas experiências como formas possíveis de existir. Em "Phenomenology of Whiteness" Ahmed retoma as discussões de Husserl para teorizar como a branquitude é uma forma de orientar-se no mundo porque ela é uma "história em andamento e que não terminou, uma que orienta corpos em direções específicas, afetando como eles 'ocupam' espaços." (AHMED, 2007, 150, minha tradução)[5] Isso significa que o ato de *orientar-se* é baseado em perspectivas de determinados sujeitos, ou seja, no caso de Arthur e suas relações com o mundo, é a perspectiva dele como sujeito branco, homossexual, cisgênero, de classe média que formula toda a sua orientação no mundo. Ahmed não é a primeira teórica a sublinhar a importância de atravessamentos e interseções entre gênero, raça, classe e sexualidade, porém, ela teoriza que a branquitude é uma herança dessas interseções justamente porque a forma como existimos no mundo é uma prática de criação dele. Em outras palavras, ela indica que o mundo que construímos com nossas orientações é o mundo que temos de herança de outras orientações. Herdar o mundo de outras orientações é, segundo a leitura de Ahmed, herdar a branquitude anterior disfarçada de outras formas. "A branquitude é apenas invisível para aqueles que a habitam," afirma Ahmed (2007, p. 157), "ou para aqueles que se acostumam tanto ao habitar que aprendem a não ver, mesmo quando eles não são."[6]

Se a branquitude é, então, uma herança, uma forma de orientação, faz-se necessário pensar de que formas *desorientar-se* seria uma estratégia para que corpos não só ocupem espaços, mas principalmente os desocupem, como nos encoraja Sam Bourcier (2020). Desocupar é diferente de uma recusa de ocupar: é uma ação política de compreender que apenas ocupar espaços pode ser uma armadilha assimilacionista na qual identidades dominantes mantêm seus jogos de poder intactos enquanto abrem espaços para aqueles que desejam ser acolhidos pela mesma rede de opressão. Desorientar-se da branquitude é pensar quais as formas possíveis para desocupar lugares nos quais ela é invisibilizada. Uma possibilidade que me motiva é pensar como os afetos em *As Desventuras de Arthur Less* podem ser uma possibilidade de desorientação, logo, pensar a desorientação pode indicar possíveis caminhos de desocupação da branquitude.

Será?

5 "Whiteness could be described as an ongoing and unfinished history, which orientates bodies in specific directions, affecting how they 'take up' space."

6 "Whiteness is only invisible for those who inhabit it, or those who get so used to its inhabitance that they learn not to see it, even when they are not it."

3. D DE DESORIENTADO

A "boa vida" que Arthur Less não consegue enxergar é a sua própria existência. Incapaz de refletir sobre as condições de vida que outros não possuem, Arthur pensa que sempre "estraga tudo. Estragou esse voo de Nova York para a Cidade do México, que ainda está prestes a piorar." (GREER, 2019, p. 48) Arthur é constantemente confrontado com uma versão idealizada de vida à qual ele busca se apegar, porém nunca conseguindo perceber que as promessas de uma "boa vida" que ele idealiza não são possíveis – não só para ele, mas para toda uma sociedade baseada em ideias heteronormativos fadados ao fracasso. Assim, Arthur acredita que viajar ao redor do mundo – um inegável privilégio – poderia "curá-lo" não só da sua decepção amorosa, mas também de sua relação com o mundo.

"Talvez Less sentisse, de fato, vergonha, como Finley Dwyer acusara." (GREER, 2019, p. 89) Sentir vergonha é uma resposta afetiva com a qual Arthur aceitara conviver. Finley Dwyer é um escritor gay que discursa na premiação na Itália e sublinha como autores homossexuais escrevem livros tristes, encorajando a plateia a se rebelar contra tais "assimilacionistas que, no fundo, têm vergonha do que são, do que somos, do que vocês são." (GREER, 2019, p. 88) Este discurso força Arthur a revisitar suas memórias, como em vários momentos no livro, para avaliar sua condição de escritor. O que Arthur pensar "perceber" é que não é visto como um nome de respeito, apesar de já ter publicado três livros e conseguido não só prêmios, mas também sucesso. Dessa forma, uma estratégia de desenvolver empatia com Arthur seria a de compreender que ele está sofrendo uma crise criativa ou mesmo duvidando de sua capacidade como escritor, porém lembremos que aqui proponho uma desleitura, logo duvido de uma leitura empática na qual conteúdos como cisgeneridade e branquitude possam ser esvaziados em prol de uma leitura na qual todos seríamos humanos.

O sofrimento de Arthur, em minha leitura, não deve ser invalidado. Contudo, há que se sublinhar que ele já publicara três livros, mesmo que com moderado sucesso, e conseguira levar uma vida tranquila e confortável em termos econômicos. *As Desventuras de Arthur Less* é um romance de ausência de consciência, uma sátira na qual a orientação é branca. Quantos nomes de pessoas negras que escrevem conseguem descrever o mesmo cenário no qual Arthur se encontra? Um breve desvio aqui para auxiliar na desorientação: em 2020 a *hashtag* #PublishingPaidMe revelou chocantes (mas já esperadas) desigualdades no mundo da literatura. Nomes celebrados como Jesmyn Ward, ganhadora de dois *National Book Awards*, e N. K. Jemisin, ganhadora do prestigioso *Hugo Award*, revelaram ter sido pagas bem menos que outros nomes brancos. Esse breve desvio nos revela que Arthur, em sua condição de escritor branco com moderado sucesso, conseguiu atingir determinados níveis pelos quais outros nomes negros ainda batalham. Não se trata de desmerecer trabalhos ou hierarquizar qualidades, mas sinalizar que o cenário da literatura que faz Arthur duvidar de sua posição como escritor não pode ser encarado como uma estratégia empática. Talvez uma saída para Arthur fosse pensar como a sua própria sala de concorrentes ao prêmio na Itália é marcada por sujeitos brancos. Esse primeiro passo na desorientação poderia auxiliar na formulação de um questionamento no qual a sua sensação de desconforto origina não necessariamente da percepção de escritor como fracasso, porém de uma estrutura na qual, para invisibilizar determinados sujeitos, Arthur precisa questionar sua própria qualidade para sustentar a invisibilidade dos outros.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 210 – 230 | jan/abr 2021

Para se desorientar, Arthur precisa mais do que apenas estar desorientado, como ele fica em sua viagem. Uma clássica forma de estar desorientado, no sentido de estar perdido, é não falar a língua dos lugares, tarefa que Arthur "cumpre" muito bem em seu cristalino estado permanente de ignorância do mundo. Ao passear pelo México, Arthur exoticiza as ruas, esperando "túneis [no metrô] cheios de mosaicos astecas [mas] em vez disso, abismado, ele se vê numa réplica da sua escola de ensino fundamental, em Delaware." (GREER, 2019, p. 57) Na Alemanha, ao frequentar um bar e ver Bastian, seu amante alemão, pela primeira vez, Arthur deduz que ele seria africano por causa de seus "belos traços negros e volumoso cabelo crespo." (GREER, 2019, p. 104). Para a surpresa de Arthur, Bastian é alemão da região da Bavária.

O que as cenas anteriores revelam é que Arthur Less é orientado pela sua ignorância branca, ignorância aqui compreendida no sentido delineado por Eve Sedgwick (1990) de que a ignorância é a ignorância de *um* conhecimento. Dizer que Arthur é ignorante não é dizer que ele é um sujeito rude ou grosso. Pelo contrário, Arthur é desenhado como um amável homem que em breve fará 50 anos e precisa da empatia de leitoras e leitores para que sua tristeza seja compreendida como um sentimento universal. Como Zohra diz a Arthur no meio do deserto e afirmado anteriormente, é difícil sentir pena de um homem assim justamente porque ele se revela como um sujeito que não se racializa para compreender o mundo – embora ele racialize o mundo constantemente.

Em uma de suas lembranças Arthur menciona que, em conversa com seu ex, não gostaria de visitar o Taiti por ser "um lugar de resorts. Como se fosse impossível conhecer a população local. Eu quero ir para a Índia." (GREER, 2019, p. 162) Ironicamente, ao chegar à Índia, Arthur é confrontado com a "cômica" situação de ter reservado um espaço em um retiro cristão no qual a simbologia cristã o cerca. Não bastando a sua ignorância em selecionar adequadamente um local de seu interesse na Índia, Arthur ainda se incomoda com a "algazarra própria à Índia: a competição sonora espiritual." (GREER, 2019, p. 196) Ao reservar um retiro na Índia, Arthur seguira o conselho de um "rival" que é, na realidade, pai-tio de seu ex-amante Freddy. Entretanto, seria isso suficiente para perdoar sua escolha pela ignorância? Arthur reservara um local em outro país sem nem mesmo questionar ou buscar saber mais sobre o lugar, indicando sua escolha pela ignorância de outro conhecimento. Para tornar a situação ainda mais "branca", Arthur já havia citado anteriormente que não escolheria ir para o Taiti porque gostaria de conhecer "a população local", um controverso sintagma do qual ele nem mesmo duvida do valor orientalista. Talvez, para desorientar-se, Arthur devesse pensar sobre a população local em São Francisco, onde mora. Será que eles também conseguem conceber quais corpos pertencem à cidade californiana na qual cada vez mais movimentos de gentrificação expulsam corpos abjetos para receber de braços abertos outros "bons gays" homonormativizados?

Como diversos nomes têm teorizado, ser branco é a possibilidade de racializar o outro, ser o sujeito e não o objeto em processos de outremização – processo de construção do Outro como "fora da normalidade" (BONNICI, 2007, p. 195). O que *As Desventuras de Arthur Less* potencializa satiricamente é a racialização do sujeito branco que se compreende mediano em sua idealização de vida que também é, ou deveria ser ao menos, problematizada. AnnLouise Keating (1995) explica que é muito comum que se pense teórica e criticamente os movimentos de racialização a partir

da obra de sujeitos negros, indígenas, asiáticos etc, mas que o mesmo movimento sobre a branquitude ainda é pouco explorado como estratégia. Keating ilustra seu argumento citando o exemplo do *Harlem Renaissance* ser sempre citado como um movimento de artistas negras e negros, mas que não usamos o termo "branco" para descrever o Transcendentalismo, movimento estadunidense no qual todos os sujeitos eram brancos e descendentes de europeus.

Keating não se posiciona contra o uso de termos como negro ou asiático para discutir determinados espaços de produção cultural. Pelo contrário, ela enriquece o debate visibilizando questões que já parecem cristalizadas e normalizadas aos olhos de muitas pessoas, gerando até mesmo discordâncias e temores infundados de que o "cânone" estaria sendo atacado. Dessa forma, Keating (1995, p. 904) sinaliza que "a branquitude tem funcionado como uma categoria pseudouniversal que esconde valores, epistemologias e outros atributos específicos sob o disfarce de uma 'natureza humana' não racializada, supostamente sem cor."[7] A estratégia é, portanto, deslocar o foco da diferença como celebração (WOODWARD, 2014), tema fundamental em muitos estudos pós-coloniais e/ou queer, para aquilo que é compreendido como norma ou padrão.

Interrogar a branquitude em *As Desventuras de Arthur Less* permite questionar os espaços ocupados pelo protagonista e de que formas suas heranças invisibilizam sua orientação. Um dos poucos momentos nos quais Arthur consegue se desorientar é quando entra no acampamento no meio do deserto enquanto viaja por Marrocos e surge uma faísca de desorientação:

> Ao entrar, Less não consegue deixar de se perguntar: quem lustrou o espelho? Quem encheu o lavatório e limpou o vaso sanitário? E, já que começamos, quem trouxe essas camas de bronze para criaturas mimadas feito ele? Quem trouxe as almofadas e os tapetes? Quem disse: "É provável que eles gostem de colchas com espelhinhos"? (GREER, 2019, p. 172)

O que enriquece o questionamento é a ironia que está presente na ideia de que alguém decidira pelos hóspedes-turistas que "colchas com espelhinhos" agradariam, mesmo sem levar em consideração quem estaria viajando. Arthur, contudo, observa partes do acampamento e se questiona sobre quem estaria por trás de todo aquele cenário fabricado para os olhos dos turistas. Parecendo temer demais o seu próprio questionamento, Arthur deixa de lado tais pensamentos e foca na beleza de estar ali no meio do deserto – "Obrigado, vida!" (GREER, 2019, p. 172) Aparentemente agradecer à vida é uma tarefa mais importante do que pensar sobre os espaços de opressão e exploração que ali residem, mas esse é Arthur Less. São escolhas brancas.

4. F DE FELICIDADE COM S DE SOLIDÃO

Se durante a viagem Arthur Less se depara com o seu "fracasso" como escritor, já havia uma certeza anterior: sua vida amorosa era um emaranhado sistema de conexões

7 "[...] whiteness has functioned as a pseudouniversal category that hides its specific values, epistemology, and other attributes under the guise of a nonracialized, supposedly colorless, 'human nature'."

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 210 – 230 | jan/abr 2021

instáveis. Todavia, assim como o seu fracasso profissional, sua vida amorosa parece ter um teor extra de sofrimento que não condiz com a realidade. Mostrar-se como uma pessoa infeliz na vida amorosa é uma forma de criar pertencimento ao mundo cisheteronormativo no qual Arthur Less, mantendo intacto sua posição de centro do discurso, consegue operar outras formas para se sentir "bem". Em outras palavras, ao dizer que está infeliz, Arthur está, na realidade, operando com a felicidade.

Ao dizer que está sozinho, Arthur está convenientemente esquecendo de que está rodeado de pessoas. A intenção é criar um espaço de uma experiência universal comum a partir da qual a empatia seria uma estratégia de identificação, afinal, quem nunca se sentiu sozinho após um término? Contudo, ao se deparar constantemente com pessoas que não compartilham de sua visão, Arthur se recusa a se "reorientar" porque isso significaria perceber o mundo de outra forma. Ao recusar se ver como o mundo o vê – dois exemplos: Zohra fala sobre não sentir pena, Bastian o chama de infantil – Arthur consegue manter no lugar a sua infelicidade amorosa como um problema que ninguém compreende. Ele tão cheio de amor e o mundo tão incapaz de abraçá-lo. Por que Arthur insiste em se representar como um homem gay triste e infeliz? Será que essa infelicidade é um afeto que está sempre "grudado" em corpos gays? O que Arthur Less, em sua recusa em reconhecer que não é um fracasso amoroso, pode nos dizer sobre excessos?

Seguindo o argumento de Sianne Ngai (2005) que aponta que corpos negros têm sido interpretados como afetivamente saturados de animação [*animatedness*] por meio de uma perpetuação de estereótipos, poder-se-ia argumentar o mesmo sobre corpos compreendidos como brancos, em especial homens brancos gays e suas relações com tristeza/melancolia/infelicidade. Ao contrário das imagens que povoam o imaginário estadunidense em filmes e séries cada vez mais presentes nas mídias, Arthur não é um "grande homem" – "Antes de mais nada, faltam-lhe os atributos físicos: ele é mediano em todos os sentidos. Um homem claramente americano, sorrindo e piscando com os cílios claros. Um rosto bonito, mas comum." (GREER, 2019, p. 112) Em *As Desventuras de Arthur Less* o corpo branco também é satiricamente lido como mediano, nada impressionante, comum, porém – e paradoxalmente – ainda branco o suficiente para ser objeto de desejo de Bastian, Javier, Freddy, Robert etc, alguns dos homens com quem Arthur se relaciona.

Brincando com percepções estereotípicas de sujeitos gays, *As Desventuras de Arthur Less* permite enxergar como os corpos brancos também recebem e produzem afetos, destacando como há uma produção de sentidos a partir de um lugar de privilégio naquele espaço. É essa relação de produção de sentidos que Arthur ignora porque, caso ele a perceba, ele precisará repensar sua presença. O mundo de Arthur se orienta a partir de si e para si, repelindo qualquer outra visão de mundo. É esse o eixo entre (in)felicidade e branquitude, uma porosa ligação que absorve discursos normativos para produzir modos de ser feliz – e também razões pelas quais pessoas são infelizes.

Ser branco, Marcio de Abreu (2020, p. 33-34) afirma,

> [...] em certo sentido e independentemente de escolha, significa personificar uma cultura que fala de si mesma, enquanto reivindica falar em nome de toda a humanidade, como se não houvesse qualquer especificidade racial ou cultural naquilo que, do colonialismo europeu, sobrevive de forma hegemônica no contexto pós-colonial.

É essa ausência de consciência sobre a inexistência de uma experiência universal que guia Arthur Less. Poder se locomover por diferentes continentes, relacionar-se com diversos homens, conseguir ganhar prêmios, atuar em cursos após convite de universidades – tudo isso fortalece o sentido de que Arthur seria um único sujeito cujas experiências seriam universais. É essa problemática recusa em reconhecer outras expressões étnico-culturais que impede Arthur de sair de sua zona de conforto. Essa recusa em reconhecer é uma forma de manter intacta a sua condição de sujeito no mundo, afinal, abrir mão de suas certezas colapsaria sua realidade e ele teria que refazer tudo dos cacos que sobraram. Como diz Grada Kilomba (2019, p. 75), "[a] branquitude é construída como ponto de referência a partir do qual todas/os as/os 'Outras/os' raciais 'diferem'. Nesse sentido, não se é 'diferente', torna-se 'diferente' por meio do processo de discriminação." Da mesma forma que tornar-se diferente é um processo de discriminação, a felicidade é cúmplice do mesmo processo.

Ao tratar do fracasso amoroso, a narrativa em *As Desventuras de Arthur Less* não deixa esquecer, por exemplo, que Arthur manteve alguns casos durante a viagem, contrariando sua lamúria de não ser desejado. Pelo contrário, até o próprio Arthur, em breve surto de autoestima, se percebe "[m]ais bonito, mais seguro. A beleza da sua juventude de algum modo arrancada do depósito de inverno e devolvida a ele na meia-idade." (GREER, 2019, p. 135) O que isso diz sobre a ideia de felicidade que Arthur tanto nutre? De que formas a felicidade é produto dessa relação coordenada afetiva que absorve algumas formas de felicidade e rejeita outras?

A felicidade como um afeto é compreendida aqui como uma intangibilidade porque sentir-se feliz é assumir que algo faltará justamente porque deslocamos nossos desejos para outros objetos. Dessa forma, estar feliz é algo circunstancial, algo temporário, algo que nos anima e também nos entristece. Teorizar a felicidade como afeto é compreender que é necessário ao mesmo tempo dialogar com a tristeza e/ou com a infelicidade.

Se ser feliz é ter o que queremos, logo estamos sempre infelizes porque sempre há algo que queremos e não temos. Se essa ideia de felicidade é um diálogo com a tristeza, é possível pensar na inconstância de nossos sentimentos. Arthur, por exemplo, se sente triste porque não acredita que será amado novamente e se sente decepcionado (com raiva também, talvez) quando descobre durante a viagem que um casal de amigos está se separando após 20 anos juntos. Lewis e Clark, o referido casal, estavam juntos há 20 anos e eram "o modelo de sucesso no amor." (GREER, 2019, p 160) Todavia, o que Arthur não esperava era ver também tal idealização se desfazer. O amor eterno como um pilar para a felicidade é, portanto, desfeito.

Quando Lewis conta que ele e Clark estão se divorciando porque foram felizes por 20 anos, Arthur se recusa a compreender, afinal, em sua opinião, "[a]lguma coisa deu errado." (GREER, 2019, p. 176) O que Arthur compreende por amor é a idealização de uma relação entre duas pessoas, ignorando que ele mesmo, no passado, se recusara a participar de uma relação "estável" com Freddy porque o segundo era bem mais jovem que Arthur. Para o protagonista do romance, sentir-se feliz é (também) ser amado dentro do contrato do amor como compromisso, o contrato do amor como casamento, uma forma heteronormativa de manter a felicidade como parte de um extrato das relações.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 210 – 230 | jan/abr 2021

O amor como casamento é uma instituição que, como sublinha Laura Kipnis (2004), está fadada ao fracasso pela sua obsessão do compromisso com o *compromisso*. Kipnis escreve, em tons irônicos, sobre como o amor como uma instituição social se revela uma forma de controle na qual a monogamia, o desejo e o casamento se tornam expressões capitalistas de sujeição moderna. Ao comparar a monogamia ao trabalho, o desejo ao contrato e o casamento a uma fábrica doméstica policiada com disciplina, Kipnis questiona – "É isso o que chamamos de uma 'boa relação'?"

A ironia de Kipnis ilustra como a ilusão do amor que Arthur mantém é uma forma de controle social, em especial, uma forma de controle heteronormativo que recusa outras formas de relações como possíveis. Arthur traía Robert, seu primeiro caso de longa data, enquanto estavam juntos porque sentia que precisava de algo mais por ser jovem e, ao se perceber ocupando a posição de Robert em sua relação com o mais jovem Freddy, sem dúvidas ele pensou que sofreria do mesmo destino. Essa paranoia sobre o amor e relações é fruto de um controle regulado sobre as formas de felicidade. Nesse caso, estar infeliz não é o mesmo que conseguir se desligar da estrutura que perpetua ideias heteronormativos de relacionamentos como o casamento e até mesmo a experiência das traições. Em outras palavras, Arthur se sente infeliz justamente porque não consegue abrir mão da noção do amor como uma instituição entre duas pessoas que deve ser eterno, passional e sempre surpreendente. É uma pena que um romance com sátiras e críticas ao modelo heteronormativo termine com um "final feliz" entre Arthur e Freddy: em uma virada positiva, o segundo percebe que não conseguirá ser feliz no casamento, termina tudo e aguarda Arthur retornar de sua viagem de autoconhecimento.

As Desventuras de Arthur Less perdem uma grande oportunidade de quebrar com a ideia da felicidade gay como uma relação entre duas pessoas ao abrir espaço para uma conciliação heteronormativa extremamente palatável para públicos que "torcem" por finais felizes. Essa orientação afirmativa de livros *queer* é uma polêmica que não abordarei aqui. Contudo, penso que perceber-se sozinho seria uma estratégia mais eficaz para Arthur conseguir se desfazer de sua concepção de amor idealizado. Pela solidão Arthur conseguiria experimentar aquilo que nunca conseguira, afinal, sempre estivera em relacionamento, o que apenas informa que estar sozinho é um desafio para ele. Não participar do jogo estabelecido de que o amor é, como na metáfora de Kipnis, uma fábrica doméstica policiada seria uma possibilidade de compreender que solidão não é o mesmo que infelicidade. Pelo contrário, repensar a felicidade como condicionada a determinadas estruturas sociais seria uma tentativa de usar a infelicidade como motor de novas formas de relacionamentos. É esse caminho que Lewis e Clark, o casal que se separa após 20 anos, está trilhando: recusando a ideia de que 20 anos juntos seria um fracasso, eles decidem terminar e continuar sua amizade. Arthur é incapaz de compreender essa construção porque sua vida foi e é integralmente regida pelo que Sara Ahmed (2010) chama de "scrips da felicidade" (*happiness scripts*) que são descritos como "dispositivos de endireitamento" (*straightening devices*).

Ao se alinhar à felicidade heteronormativa branca, Arthur segue *scripts* de felicidade na qual determinados corpos são destinados à felicidade contanto que sigam determinadas formas de existir. Dessa forma, é possível pensar que o protagonista do romance, em seu pedestal de privilégios, não consiga conceber como outras pessoas

podem desistir de relações "felizes" enquanto ele, um merecedor (?), não possui o que deseja. Embora Arthur não articule em palavras tal afeto, compreendido como inveja talvez, suas ações e escolhas denunciam sua aderência ao discurso heteronormativo. Talvez ficar sozinho – experienciar a solidão – fosse uma tarefa mais revolucionária que apenas recusar a estrutura normativa do amor.

5. C DE CISGENERIDADE COM O MESMO C DE CONFORTO

> O Jardim dos Péssimos Gays. Quem poderia imaginar que uma coisa dessas existisse? Durante todo esse tempo, Less achou que fosse apenas um péssimo escritor. Um péssimo amante, um péssimo amigo, um péssimo filho. Aparentemente, a situação é mais grave; ele é péssimo em ser quem ele é. *Pelo menos*, pensa, voltando os olhos para o outro lado da sala, onde Finley diverte a anfitriã, *eu não sou baixo*. (GREER, 2019, p. 143, grifos no original)

Ao ouvir que é um péssimo gay, Arthur não compreende imediatamente o que significa isso. Pensara, como o trecho acima ilustra, que era péssimo em diversas coisas, mas jamais cogitara que era péssimo em ser quem era. Esse é outro marco instigante em *As Desventuras de Arthur Less*. Ao destacar a ironia de ser péssimo em ser quem é, há um inevitável questionamento do que seria ser um gay bom ou um gay péssimo, elaborando um panorama de como determinadas formas de existir e os espaços nos quais elas habitam estão constantemente se alimentando – um não existe sem o outro e, enquanto não houve alguma interrupção do mecanismo de produção, noções essencialistas de ser um bom gay continuarão no lugar.

Sam Bourcier (2020) destaca que gays e lésbicas tratados como "bons exemplos" são aqueles que buscam um lugar na engrenagem social, buscando assimilação e coerência com o discurso vigente. Bourcier sublinha que não haverá mudança social enquanto esses sujeitos – gays e lésbicas – perpetuarem a ideia de inclusão como forma de existência:

> Pedidos de inclusão e de incorporação à nação ou de integração republicana de gays institucionais e lésbicas que não têm legitimidade representativa os colocam em posição de pedir para serem reconhecidos pelas instituições que produzem as desigualdades e as discriminações que elas pretendem combater. (BOURCIER, 2020, p. 47)

Considerando os cenários LGBTQ+ atuais em países do ocidente, não me parece arriscado dizer que, embora existam pessoas trans que se alinham ao ideais que Bourcier critica, a maioria desses grupos de gays e lésbicas institucionais seja composto de pessoas cis. Identificar de que formas a cisgeneridade – o reconhecimento e a compreensão de si a partir do sistema sexo-gênero ao qual o sujeito fora assinalado ao nascer – opera para manter-se como invisível pode oferecer uma leitura do mundo a partir dos lugares inocupados por pessoas que não são cis. Questiono, pois, as formas pelas quais a cisgeneridade, na sua expressão de infelicidade com objetos escolhidos, é uma aliada da branquitude e da heteronormatividade em *As Desventuras de Arthur Less*. Em outras palavras, quero pensar as relações complexas entre a cisgeneridade e a branquitude dentro de uma matriz que hierarquiza sujeitos de

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 210 – 230 | jan/abr 2021

acordo com determinados ideias heteronormativos. Dessa forma, pode ser possível apontar que pessoas brancas e cis não conseguem racializar ou questionar a matriz heteronormativa porque é essa mesma matriz que lhes dá o conforto e a segurança necessários para existirem como sujeitos válidos e reconhecidos pelo Estado. No caso do romance, Arthur não só é produto dessas relações, mas as mantém no lugar ao não questionar o próprio sistema porque está preocupado com seu sofrimento – lembro aqui do otimismo cruel como uma possibilidade analítica.

Sofia Favero e Paula Sandrine Machado (2020, p. 55) descrevem que cis é uma relação de existência, "um processo de nomeação da norma, um recurso que surgiu para nomear aqueles e aquelas tidos/as como habitantes dos centros de um determinado ideal regulatório." Ao chamar atenção, assim como a branquitude, para uma problematização do que seria a norma, a cisgeneridade surge como um questionamento das relações. Usar o termo cis aponta para uma quebra do conceito do centro como o padrão. Em outras palavras, descrever alguém como cis é lembrar que essa pessoa, homem ou mulher, se identifica com o sistema sexo-gênero (não necessariamente sexualidade) ao qual ela fora socialmente designada.

Descrever a cisgeneridade é uma estratégia de recusa de pessoas trans como o Outro da relação. Assim como estudos sobre a branquitude têm buscado desnomatizar o mundo, falar sobre cisgeneridade é reconhecer as formas pelas quais as instituições sociais são moldadas para determinados grupos, especialmente homens brancos cis. Recusa-se, portanto, a ideia de que existe um normal ao qual se deve ater, afinal, não existe normalidade e natureza quando conceitos ali trabalhados surgem de vieses pré-concebidos por aqueles que estudam os fenômenos. Fabricar novos sentidos é recusar a máquina social que devora e normaliza sujeitos, revelando os mecanismos de invisibilização pelos quais opera a cisgeneridade.

Sinalize-se aqui também que pensar a cisgeneridade vai além do individual, afinal, ela é também "uma estrutura social, política, econômica e epistêmica [...] uma estrutura hegemônica de pensamento [...]." (FAVERO; MACHADO, 2020, p. 53) Como uma estrutura que regula corpos, a cisgeneridade funciona em diálogo com a ignorância da branquitude, como discutido anteriormente, e com a heternormatividade, em especial aqui a ideia da felicidade como um elemento cultural.

Não se trata aqui de dizer que *As Desventuras de Arthur Less* deveria ter incluído alguma personagem trans para criar uma experiência da cisgeneridade. Pelo contrário, a própria ausência de pessoas trans no livro é uma forma de sinalizar que a cisgeneridade não é em momento algum questionada. Um mundo no qual Arthur Less transita sem nenhuma interferência da norma apenas ressalta que, embora seja um homem gay e parte de um grupo historicamente oprimido, Arthur ainda mantém estreitos laços com a heteronormatividade. O romance opera, portanto, com dois gumes: retratar a experiência de um homem branco e gay ao mesmo tempo que não destaca o lugar das interações (invisíveis para muitos) entre cisgeneridade e branquitude no pertencimento de Arthur. A cisgeneridade mantém no lugar o acesso de pessoas que se identificam com o sexo assinalado no nascimento e os espaços habitados por pessoas cis se mantêm estáveis sem "perturbações" de gênero e ou sexualidade justamente porque pessoas trans *não* estão ali. Essa ausência de reflexão de Arthur em relação aos espaços que ocupa por ser um homem branco e cis o fazem esquecer de seu acordo tácito com a heteronormatividade como ferramenta de sobrevivência.

Michael Warner (1991) indica que a heteronormatividade é um lugar de violência a partir da normalização das relações (afetivas, sexuais etc) dentro de uma matriz heterossexual. Sendo uma estrutura que nem sempre é questionada, nota-se que muitas pessoas LGBTQ+ acabam se associando ao mundo heteronormativo pelas suas condições de espaços de privilégios – ou mesmo porque são co-optados por discursos neoliberais de promessas de felicidade. Arthur Less está na interseção dessas duas avenidas.

Como Carlos, o pai de Freddy e "rival" de Arthur, diz em determinado momento: "Você tem uma vida melhor que qualquer pessoa que eu conheço." (GREER, 2019, p. 218) Arthur, obviamente, reage negativamente ao comentário – "Isso é absurdo para Less." (GREER, 2019, p. 218). Sua reação indica sua ignorância sobre a sua situação de privilégio, afinal, Arthur ainda se recusa a pensar que não é necessariamente a pessoa fracassada que o sistema o faz acreditar. Aqui é onde é possível localizar a relação entre cisgeneridade, heteronormatividade, (in)felicidade e conforto.

Ao não pensar sobre sua situação de privilégio, Arthur permanece intocável na sua zona de conforto. Seu sofrimento, para ele, é necessariamente a incapacidade de ser um bom escritor e também um bom gay, afinal, fosse ele bom nos dois âmbitos, ele teria uma carreira de (mais) sucesso e uma vida amorosa estável. Reside aí um sério problema com os objetos de desejo ao qual estamos afetivamente ligados: a felicidade só será possível quando determinados objetos estiverem ao meu alcance. Como Ahmed diz em "Phenomenology of Whiteness", a branquitude é uma herança de proximidade com alguns objetos, porém o que acontece quando pessoas brancas não conseguem (também) ter mais essa herança porque vivem(os) num sistema que cada vez mais manipula as pessoas em suas vidas precárias? Quando Arthur não consegue compreender que possui privilégios pela sua condição de homem branco cis, ele ignora qualquer outra possibilidade de reorientar-se, consequentemente também negando que as condições para outras pessoas não são as mesmas.

Ilustro novamente com as reações negativas que Arthur tem quando ouve que Lewis e Clark estão se divorciando e também quando escuta de Carlos que sua vida é melhor que a de muitas pessoas. Não sugiro que Arthur não possa estar infeliz e transformar esse afeto em um espaço de novas ambições, porém, em uma desleitura como "resistência cultural" (SALVADORI, 2017, p. 1795), quero pensar o que não se questiona pela possível empatia que Arthur desperta na audiência. A infelicidade de Arthur seria um espaço muito mais produtivo caso ele conseguisse utilizar sua constelação de afetos para questionar a sua própria infelicidade com um sistema que o força a se encaixar em moldes de sucesso e amor enquanto o torna insensível às questões do mundo, chegando ao ponto de ser racista e orientalista com seus comentários "engraçadinhos" sobre um negro na Alemanha, um metrô no México ou mesmo religiões na Índia.

Ao seguir os *scripts* de felicidade estabelecidos pela sociedade, Arthur permanece como um sujeito que não se racializa (mas racializa os outros), que não se questiona (mas questiona os outros). Como lembra Sara Ahmed (2010), a felicidade pode operar para esconder a infelicidade justamente porque caso a segunda consiga emergir, algo na estrutura terá que ser questionado e mudado. Dessa forma, a aliança entre um sistema que constrói sujeitos dentro de uma matriz heternormativa se beneficia da ignorância sobre privilégios que é sustentada pela ausência de reflexão crítica da

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 210 – 230 | jan/abr 2021

branquitude e da cisgeneridade. Não enxergar a sua orientação no mundo é ignorar que existam outras orientações ou mesmo definir quais orientações são corretas. Não é surpreendente, portanto, que ser um homem cis não seja uma questão para Arthur: ele não se compreende como tal porque não é necessário se questionar nessa particularidade. Possivelmente em algumas leituras, ele seria apenas um homem infeliz sofrendo por amor e todos nós sofremos por amor: o elo empático que permite disfarçar a jornada por um amor idealizado e impossível como o alvo da felicidade. Por isso torna-se vital questionar a cisgeneridade como uma produção de sentidos, especialmente no senso comum de que pessoas trans são infelizes porque são cooptadas por discursos desviantes enquanto pessoas (cis) são felizes. Essa narrativa binária de tristeza/felicidade não se sustenta mais e uma ferramenta que pode auxiliar na desconstrução desse senso comum é compreender a cisgeneridade como uma ferramenta que desloca sujeitos de seus espaços de conforto.

Embora pareça incongruente pensar em Arthur como um sujeito confortável, é essa imagem que desenho aqui. Falar sobre conforto não é apenas conforto material, mas também o conforto que sentimos por sermos quem somos. Arthur pode se descrever como uma pessoa desconfortável e ouvir que é um péssimo gay, porém esses conteúdos não o atravessam como pontes para mudanças. Pelo contrário, sempre que há alguma interação que poderia interpelá-lo para pensar sobre sua condição, Arthur se recusa a ouvir e reage, ora com pequenos comentários engraçados, ora com raiva e desprezo. Essa recusa não é apenas uma dificuldade específica de Arthur, ela é sintomática do sistema no qual ele está incluído. Esse mesmo sistema informa Arthur que ele merece ser feliz enquanto afasta dele os objetos que ele deseja. Esse sistema informa Arthur que ele pode ser feliz, mas não permite que ele questione que modelo seria esse de felicidade normativa. Uma felicidade baseada em "dispositivos de endireitamento" que buscam transformar sujeitos em pessoas "direitas", assimiladas.

Pessoas desconfortáveis gerariam linhas de tensão que romperiam fios desse aparente belo tecido heteronormativo da paz social, logo, é essencial que as pessoas se sintam frustradas por não se sentirem felizes porque não conseguem ter aquilo que desejam. Pessoas infelizes aceitam o conforto que podem ter, mesmo que esse conforto seja o da ignorância. Ter "uma boa vida" é reconhecer alguns confortos e desejar outros: quem poderia culpar Arthur Less por não se engajar com outras formas de pensar?

T DE TERMINAR

> Durante um discurso público Paul Gilroy descreve cinco mecanismos distintos de defesa do ego pelos quais *o sujeito branco* passa a fim de ser capaz de "ouvir", isto é, para que se possa se tornar consciente de sua própria branquitude e de si própria/o como perpetradora/perpetrador do racismo: *negação*; culpa; vergonha; reconhecimento; reparação. (KILOMBA 2019, p. 43, grifos no original)

Grada Kilomba nos lembra que há um caminho que precisa ser trilhado para que de fato uma sociedade se compreenda como antirracista para além de filtros em redes sociais. Pensar em ações antirracistas, no mundo dos estudos literários, significa ir além de ações que destaquem as obras de escritoras e escritores negros. Um

espaço antirracista também precisa questionar de que formas processos de racialização operam em negociação com a sexualidade, por exemplo. Ao compreender que a heteronormatividade está em constante diálogo com a branquitude e a cisgeneridade, será possível pensar em políticas de reorientação, como sugerido anteriormente neste trabalho de índice.

Arthur Less ainda se encontra na fase da negação. Negar é manter intacto seus privilégios, ignorar seus processos de racialização e, principalmente, sustentar a fantasia da felicidade normatizada. Ler – ou melhor, desler – *As Desventuras de Arthur Less* é se aproximar do tom satírico e das armadilhas da empatia na literatura. Desler um romance aqui é uma tarefa difícil e complexa: como falar sobre cisgeneridade sem se apoiar na outremização de sujeitos trans? Como falar sobre branquitude sem cair na armadilha de teorizar sobre populações negras, asiáticas ou indígenas, por exemplo? Desler é trabalhar com materiais literários comumente descritos como literatura norte-americana ou estadunidense (no caso do romance de Greer) e também colocar tais materiais como sintomáticos de uma ignorância de privilégios ou mesmo de um processo afetivo de associação.

Pensar como os afetos são possibilidade investigativas em *As Desventuras de Arthur Less* é compreender que felicidade, solidão, conforto e desorientação podem estar socialmente relacionados com a branquitude e a cisgeneridade. Como afirma Clare Hemmings (2005), os afetos não circulam livremente ou mesmo se prendem aos corpos e objetos de maneira randômica: eles são produzidos nas relações. A felicidade, por exemplo, dialoga com a solidão e o conforto quando sublinhei que Arthur mantém no lugar uma estrutura que o oprime dizendo que ele pode ser feliz caso atinja determinados objetivos, que nada mais são do que elementos heteronormativos que o deixam cada vez mais infeliz pela impossibilidade. É esse otimismo cruel que Lauren Berlant cita: aquilo que desejamos é o obstáculo para nossa felicidade. Uma "boa vida" não é possível nem mesmo para sujeitos brancos cis, como Arthur Less consegue exemplificar, logo como ignorar demandas e outras populações que questionam (e também, muitas vezes, reiteram) tal estrutura de opressão?

Para terminar esse trabalho-índice, gostaria de indicar que *As Desventuras de Arthur Less* é deslido aqui como uma experiência afetiva para compreender o sistema de opressão que mantém determinadas formas de existir como autorizadas enquanto invisibiliza os "dispositivos de endireitamento". Embora o romance tenha sua parcela controversa de indagações – o final "feliz", a ideia de que um bom gay é otimista –, é uma obra literária que permite traçar indagações que ainda carecem de espaços em alguns territórios acadêmicos. A experiência de forçar a noção de um artigo como um ensaio-índice é também uma forma de recusar uma aliança completa com sistemas acadêmicos que se recusam a pensar quem habita revistas e periódicos universitários. Tal qual Arthur, muitos espaços ainda se recusam a pensar suas branquitudes (porque são várias), ainda não reconhecem suas felicidades depositadas em ideias heteronormativos impossíveis e ainda reagem negativamente quando seus afetos são questionados: é ou não é um *déja vu* branco?

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 210 – 230 | jan/abr 2021

REFERÊNCIAS

ABREU, Marcio de. Raça, transculturalidade e (entre)lugar de fala. *In:* NOGUEIRA, Gilmaro; MBANDI, Nzinga; DE TRÓI, Marcelo (Org.). **Lugar de Fala**: Conexões, aproximações e diferenças. Salvador: Editora Devires, 2020. p. 33-39.

AHMED, Sara. A Phenomenology of whiteness, **Feminist Theory**, v.8, n. 2, p.-149-168, 2007.

AHMED, Sara. **The Promise of Happiness**. Durham: Duke University Press, 2010.

BERLANT, Lauren. **Cruel Optimism**. Durham: Duke University Press, 2011.

BLOOM, Harold. **Um Mapa da Desleitura**. Traduzido por Thelma Nóbrega. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

BONNICI, Thomas. **Teoria e Crítica Literária Feminista**: Conceitos e tendências. Maringá: EdUEM, 2007.

BOURCIER, Sam. **Homo Inc.orporated**: O triângulo e o unicórnio que peida. Tradução de Marcia Bechara. São Paulo: n-1 edições, 2020.

BRENNAN, Teresa. **The Transmission of Affect**. Ithaca e Londres: Cornell University Press, 2004.

DESVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

EDDO-LODGE, Reni. Por que Eu não Converso Mais com Pessoas Brancas sobre Raça. Tradução de Elisa Elwine. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

FAVERO, Sofia; MACHADO, Paula Sandrine. Amapôas e bofes já estavam aqui: Reencontrando a cisgeneridade nos trópicos. *In:* NOGUEIRA, Gilmaro; MBANDI, Nzinga; DE TRÓI, Marcelo (Org.). **Lugar de Fala**: Conexões, aproximações e diferenças. Salvador: Editora Devires, 2020. p. 51-60.

GREER, Andrew Sean. **As Desventuras de Arthur Less**. Tradução por Márcio El-Jaick. Rio de Janeiro: Record, 2019.

HEMMINGS, Clare. Invoking Affect: Cultural theory and the ontological turn. **Cultural Studies**, v. 19, n. 5, p-548-567, 2005.

KEATING, AnnLouise. Interrogating "Whiteness," Deconstructing Race. **College English**, v. 57, n. 8, p. 901-918, 1995. Disponível em http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/marcel/Silko.pdf. Acesso em: 30 dez. 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KIPNIS, Laura. **Against Love**: A polemic. New York: Vintage, 2004.

NGAI, Sianne. **Ugly Feelings**. Boston: Harvard University Press, 2005.

OTT, Brian L. Affect in Critical Studies, **Oxford Research Encyclopedia of Communication**, v. 1, n. 1, p. 1-26, 2017. Disponível em https://www.academia.edu/34096680/Affect_in_Critical_Studies. Acesso em: 30 dez. 2020.

PEDWELL, Carolyn; WHITEHEAD, Anne. Affecting feminism: Questions of feeling in feminist theory, **Feminist Theory**, v. 13, n. 2, p.115-129, 2012.

PELLEGRINI, Ann; PUAR, Jasbir. Affect, **Social Text**, v. 27, n. 3, p.35-38, 2009. Disponível em http://jasbirkpuar.com/wp-content/uploads/2018/08/st100_04_pellegrini-1.pdf. Acesso em: 30 dez. 2020.

RICE, Jenny Edbauer. The new "new": Making a case for critical affect studies. **Quarterly Journal of Speech**, v. 94, n. 2, p. 201-202, 2008.

SALVADORI, Juliana Cristina. Desescritas e desleituras contemporâneas: o autor e o leitor no jogo do texto. *In:* CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 15, 2017. **Anais**... Rio de Janeiro, 2017. p. 1794-1805. Disponível em https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491263772.pdf. Acesso em 07 Jun 21.

TRUMAN, Sarah E. White déjà vu: Troubling the Certainty of the English Canon in Literary Education, **English in Australia**, v. 54, n. 3, p. 53-59, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/342764732_White_deja_vu_Troubling_the_Certainty_of_the_English_Canon_in_Literary_Education. Acesso em: 30 dez. 2020.

WARNER, Michael. Introduction: Fear of a queer planet. **Social Text**, v. 1, n. 29, p. 3-17, 1991.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In:* SILVA, Tomaz Tadeu; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença**: A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2014. p. 7-72.

Recebido em 26/02/2021
Aprovado em 02/08/2021